

# Presente Poético



N.Cham. B869.1 P933 2007

Título: Presente poético .

LETRAS

B869.1

P933

2007



346031007

493580

0067.1

P933

2007

# Presente Poético

Maria José de Castro Alves  
Coordenação Linha Editorial *Tela e Texto*

Maria Antonieta Pereira  
Coordenação Geral



a tela  
e o texto

2. edição  
Belo Horizonte - 2007

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346031007

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA

495580

PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
*A TELA E O TEXTO*

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Telefone (31) 3409-6054

[www.letras.ufmg.br/atelaotexto](http://www.letras.ufmg.br/atelaotexto)

[atelaotexto@yahoo.com.br](mailto:atelaotexto@yahoo.com.br)

Registro SJEX no. 10.416

Registro na Biblioteca Nacional n°. 7758

Registro no INPI 20040B900086

*Faculdade de Letras*

Biblioteca Universitária

17 / 08 / 2010

3460310-07

*BELO HORIZONTE*

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

P436pro

PEREIRA, Maria Antonieta (Coordenação geral)

Presente Poético / Maria Antonieta Pereira/ organizado por Maria José do Castro Alves, coordenação Linha Editorial. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Linha Ed. Tela e Texto, 2007. 80 p. : il.

ISBN: 85-7758-008-3

Poesia Brasileira – Poesia. 2. Poesia brasileira brasileira.  
I. Pereira, Maria Antonieta. II. Título.

CDD 8869.1



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	07
<b>Natal</b> .....	13
<i>Olavo Bilac</i>	
<b>Por que vim...</b> .....	16
<i>Gláucia Mendes</i>	
<b>Lentes</b> .....	18
<i>Silviano Santiago</i>	
<b>Mar português</b> .....	19
<i>Fernando Pessoa</i>	
<b>Autopsicografia</b> .....	20
<i>Fernando Pessoa</i>	
<b>Cor vermelha</b> .....	21
<i>Cláudio Lélis</i>	
<b>(Sem título)</b> .....	22
<i>Dieter Roos</i>	
<b>Leitura silenciosa</b> .....	23
<i>José Américo Miranda</i>	
<b>Dieta</b> .....	24
<i>Maria Antonieta Coben</i>	
<b>Patologia</b> .....	25
<i>Evaldo Balbino</i>	

<b>Balanço da década</b> .....	27
<i>Marcelo Dolabela</i>	
<b>Soneto</b> .....	28
<i>Alphonsus de Guimaraens</i>	
<b>Justiça do trabalho</b> .....	29
<i>Silviano Santiago</i>	
<b>A orgia dos duendes</b> .....	30
<i>Bernardo Guimarães</i>	
<b>(Sem título)</b> .....	34
<i>Nicolas Bher</i>	
<b>Não te amo</b> .....	36
<i>Almeida Garrett</i>	
<b>Como eu te amo</b> .....	37
<i>Gonçalves Dias</i>	
<b>Hemorragia floral</b> .....	38
<i>Leni Nobre de Oliveira</i>	
<b>Caminhos I</b> .....	40
<b>Caminhos II</b> .....	40
<i>Giane Figueiredo</i>	
<b>Destempero</b> .....	41
<i>Zanja</i>	
<b>Elogio à caneta azul</b> .....	42
<i>Lauro Camilo</i>	

<b>Demonstração</b> .....	44
<i>Frederico Reis M. Brito</i>	
<b>born to burn</b> .....	46
<i>Regis Gonçalves</i>	
<b>Soneto</b> .....	47
<i>Gregório de Matos</i>	
<b>Soneto</b> .....	48
<i>Gregório de Matos</i>	
<b>Bate o sino</b> .....	49
<b>Vigília</b> .....	51
<i>Selma Rossi</i>	
<b>Ode aos brincantes</b> .....	52
<i>Marise Pontes Marques</i>	
<b>Confissão</b> .....	54
<i>Maria Firmina dos Reis</i>	
<b>Ramalhete de mim</b> .....	56
<i>Perpétua Amorim</i>	
<b>Receita de um herói</b> .....	58
<i>Adelson</i>	
<b>Ter amor não é defeito</b> .....	59
<i>Domingos Caldas Barbosa</i>	
<b>Literatura viva</b> .....	61
<i>Rodrigo Simoncini</i>	

<b>A paixão segundo Clarisse</b> .....	<b>62</b>
<i>Ricardo Aquino</i>	
<b>A caridade</b> .....	<b>65</b>
<i>Machado de Assis</i>	
<b>Namoro a cavalo</b> .....	<b>67</b>
<i>Álvares de Azevedo</i>	
<b>Voz dos animais</b> .....	<b>69</b>
<i>Francisca Júlia</i>	
<b>Poema para você</b> .....	<b>73</b>
<i>Chico Lobo</i>	
<b>Noite feliz</b> .....	<b>74</b>
<i>Franz Gruber - Joseph Mor</i>	
<b>Menino Jesus</b> .....	<b>75</b>
<i>Adalgiza Colen Meniconi</i>	
<b>Noite Feliz</b> .....	<b>76</b>
<i>Luiz Vilela</i>	

## Caro(a) leitor(a),

Em dezembro de 2005, depois de muita experimentação e intenso trabalho voluntário, a equipe da Linha Editorial *Tela e Texto* colocou nas bancas de revista seu primeiro livro, intitulado simplesmente *Poesia*. Pequeno, despretensioso e sobretudo barato, o livro contribuía para consolidar um dos principais objetivos do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto*: produzir livros de baixo custo que pudessem ser adquiridos pela população de baixa renda. Esse projeto de edição nasceu, assim, do desejo de contribuir para modificar os precários níveis de leitura do Brasil.

Em nosso país, o domínio da leitura sempre foi um privilégio ligado à elite cultural, tendo em vista o tipo de colonização (externa e interna) pelo qual passamos, desde 1500. Os processos de exclusão social, econômica e política foram suficientemente longos para gerar vastas camadas de analfabetos e semi-alfabetizados, resultando em níveis muito baixos de apropriação da cultura letrada. Nesse contexto, o livro tornou-se um objeto produzido para o consumo da restrita parcela

da população que sabia ler e tinha recursos suficientes para comprá-lo. Essas práticas sociais consolidaram-se de tal forma, ao longo de nossa História, que foram se naturalizando: como se o mundo devesse ser sempre assim – de um lado, os leitores, de outro, os não-leitores.

Felizmente, hoje, a sociedade brasileira tem desenvolvido um esforço nacional para vencer o analfabetismo e os baixos níveis de leitura. Além dos vários Programas realizados no âmbito governamental (dentre os quais citamos PROLER e Educação de Jovens e Adultos), também há muitas iniciativas de universidades públicas e privadas, de ONGs e associações diversas que visam à formação do leitor brasileiro. Buscando participar desse movimento, a Linha Editorial *Tela e Texto* também publicou, em junho de 2005, uma coletânea de contos e crônicas intitulada *Prosa*. Desde então, os livrinhos *Prosa e Poesia* foram vendidos para estudantes, trabalhadores, professores, donas de casa, trabalhadores desempregados e outros brasileiros interessados em conhecer nossa literatura.

*Presente poético* foi nosso terceiro livrinho. Após sua primeira edição, foram

publicados outros três: *Passo a passo com a cabeça*, *Lendas e mitos brasileiros* e *Crônicas em rede*, todos no segundo semestre de 2007 e com o mesmo propósito: tornar acessível, à população de baixa renda, textos do imaginário brasileiro que podem contribuir para ações de inclusão cultural. Com este *Presente poético*, também pretendemos oferecer a você, leitor, a possibilidade de dar um presente natalino a você mesmo(a) ou a amigos e uma reflexão sobre o presente de nossa literatura. Essa segunda edição mostra que é possível, num país como o nosso, democratizar o acesso aos bens culturais, desde que haja um esforço coletivo para tanto. Sobre isso, pensam como nós os leitores e autores cujos comentários foram recolhidos pelo jornalista e escritor Regis Gonçalves:

*Recebi e agradeço os dois livrinhos que você me enviou gentilmente. São realmente simpáticos e impressos com gosto e sem gralhas. Que a boa qualidade dos textos agora impressos se torne a marca registrada da casa! (Silviano Santiago, romancista, poeta e crítico literário)*

*É uma arte muito grande esses livros! (Milton César, funcionário da Nutrindus, lanchonete do ICB/UFMG)*

*A iniciativa é super louvável, já que são muitos os escritores solitários e inéditos e permite chegar ao leitor comum, dividir com todos nossas criações, abrir portas, universos e possibilidades. (Cleise Soares, poeta da geração mimeógrafo e romancista)*

*Gostei de ler essas histórias. (Marilene de Fátima, empregada doméstica)*

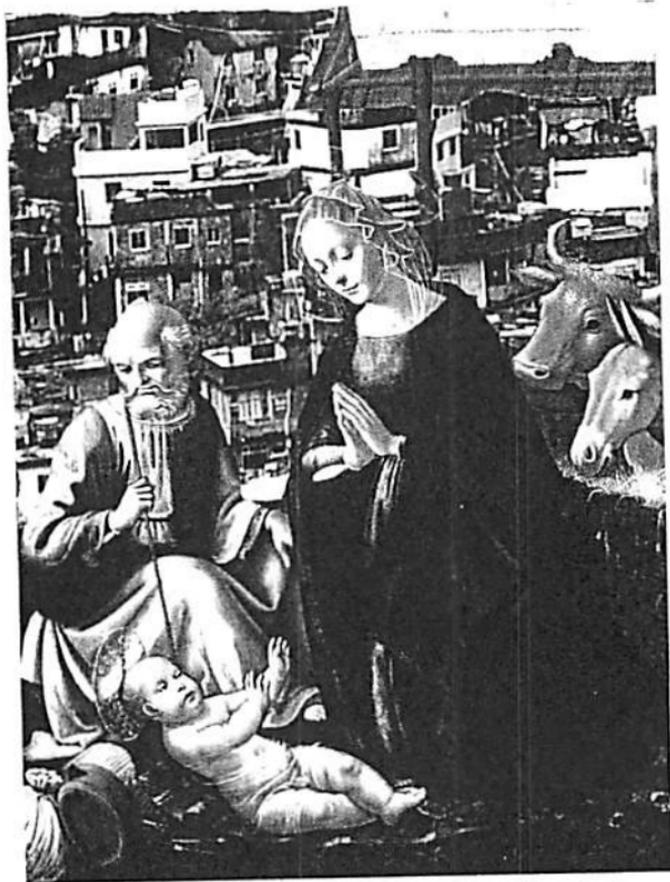
*A iniciativa é legal, e foi boa a idéia de pôr clássicos ao lado dos novos, sem indicação de data, a mostrar que muita coisa pode soar contemporânea mesmo tendo sido feita lá atrás. E que os novos podem ter uma qualidade legal, como a dos clássicos. (Wir Caetano, poeta e prosador, mestre em Literatura pela PUC Minas)*

*A Coleção "Tela e Texto" tem, no mínimo, dois méritos fundamentais: mudar em prazer o tédio dos longos deslocamentos urbanos e reunir num mesmo e pequeno volume autores já consagrados e outros em vias de. Em ambos os casos, ganha a literatura e, principalmente, a cidade onde se aprende que o prazer do texto é signo de cidadania. (Fernando Fiorese, poeta de Juiz de Fora)*

*Eu gostei dessas histórias. Parecem histórias de vida: quando a gente lê, sempre lembra de nossa própria vida. (Maria Barbosa, dona de casa)*

Agradecemos a todos que, com seu trabalho voluntário, permitiram a realização de *Presente poético* e lhes desejamos boas leituras. Que em 2008 e nos anos que virão estejamos novamente juntos na divulgação da Literatura Brasileira!

Equipe da Linha Editorial *Tela e Texto*



## Natal

*Olavo Bilac*

Jesus nasceu! Na abóbada infinita  
Soam cânticos vivos de alegria;  
E toda vida universal palpita  
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas  
No berço humilde em que nasceu Jesus...  
Mas os pobres trouxeram oferendas  
Para quem tinha que morrer na Cruz.

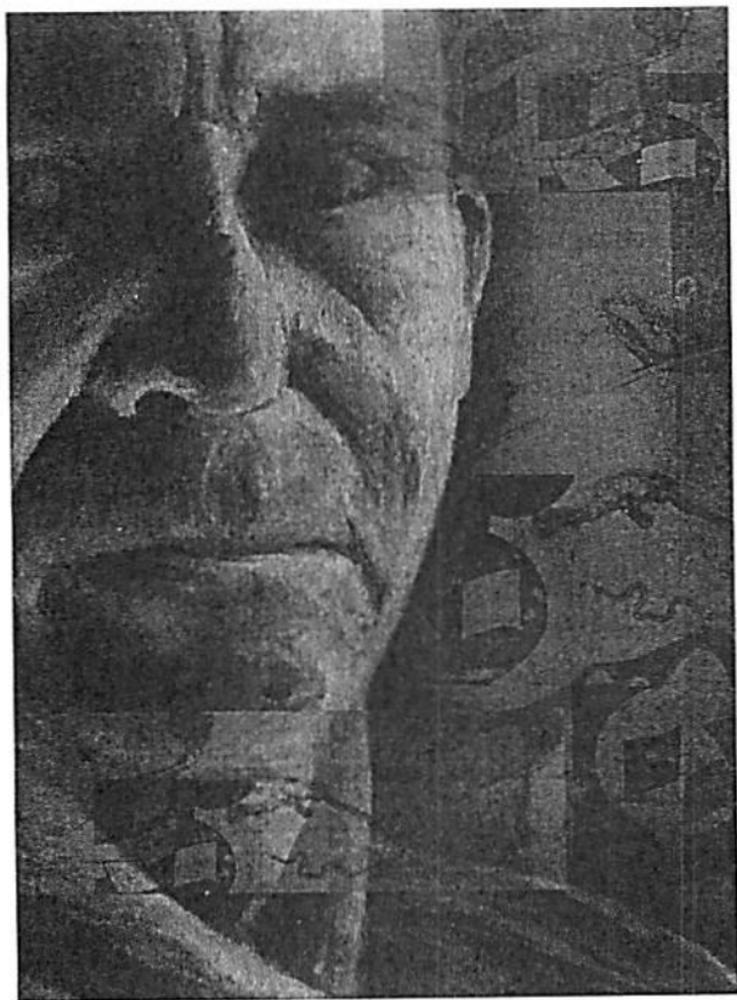
Sobre a palha, risonho e iluminado  
Pelo luar dos olhos de Maria,  
Vede o Menino-Deus, que está cercado  
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;  
Na humildade e na paz deste lugar,  
Assim que abriu os olhos inocentes,  
Foi para os pobres o seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,  
Seguindo a estrela que ao presepe os guia,  
Vêm cobrir de perfumes e de flores  
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;  
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!  
Sobre esta palha está quem salva o mundo,  
Quem ama os fracos, quem perdoa o mal.

Natal! Natal! Em toda a Natureza  
Há sorrisos e cantos, neste dia...  
Salve, Deus da Humanidade e da Pobreza,  
Nascido numa pobre estrebaria!



UFMG - Faculdade de Letras  
BIBLIOTECA

## Por que vim...

*Gláucia Mendes*

Vim buscar uma forma  
de me entender  
nesse turbilhão de nós  
que formam a grande rede da vida.

Vim buscar uma forma  
de me adaptar  
de me espalhar tal qual raiz  
e subir tal qual galho em busca de mais.

Vim buscar um enxerto  
para completar minhas falhas.

Vim buscar o fio puxado  
que faz com que as coisas não dêem certo,  
mesmo quando aparentemente  
têm tudo para dar.

Vim buscar e estou levando.  
Estou levando a certeza  
de que estão nos nós a resposta.

De que estão nos nós o caminho.  
De que estão nos nós o complemento.

E que se faço parte desses nós,  
posso ser mais humano.

## Lentes

*Silviano Santiago*

Meus olhos buscam  
o binóculo  
e não o encontram.

Meus olhos buscam  
as coisas  
e as vêem turvas.

Meus olhos querem  
diminuir a névoa  
entre mim e o mundo.

Meus olhos pensam  
as lentes  
antes do oculista.

## Mar português

*Fernando Pessoa*

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem de passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

## Autopsicografia

*Fernando Pessoa*

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

## Cor vermelha

*Cláudio Lélis*

Emoção, sentimento

Um punhal apontado para o próprio peito

E quanto mais o punhal penetra o músculo  
você percebe que está vivo: é um homem  
e que o sentimento mais puro é o amor

E que é capaz de sentir o amor não  
correspondido

Sentir dor de espírito  
Dor de alma

Machuca a alma  
Não sangra  
Mata de amor.

*Dieter Roos*

dando nomes  
aprimosamos  
a liberdade natural  
das coisas

---

Liberdade!  
liberdade!  
Com a bagagem amarga  
da lembrança!

liberdade?  
é aquilo  
que você perde  
Quando quer tê-la!

---

não és tu  
que andas o caminho :  
é o caminho  
que te anda

## Leitura silenciosa

*José Américo Miranda*

Já li seu corpo  
com os olhos.

Agora quero lê-lo  
em Braille.

*Maria Antonieta Coben*

Ou kiwi, ou maracujá  
ou goiaba ou limão  
ou laranja ou morango,  
ou uma mesquinha  
fatiazinha...  
de mamão!

Ah!... Cecília Meireles,  
tão pragmaticamente  
interpretada:  
Ou? Isto ou Aquilo?  
enquanto todos  
queremos  
isto e a ... quilo!

## Patologia

*Evaldo Barbino*

*O tempo, velho tempo que passou,  
nivelou muros e monturos.*

*Cora Coralina*

Vou nua,  
no fim da tarde,  
atrás da lua  
que não se erguerá.

Vou finita  
na rua polissêmica,  
derramada na nudez  
deste meu corpo mortal.

Vou cantando  
o mundo de hoje,  
este cartão postal no computador.  
– Que dor!  
– Que escalada imortal, meu Deus,  
nesta montanha cibernética!

Vou computada no elevador,  
amputada sem dor,  
porque já sou elétrica e lívida.

Vou sem nome,  
porque não sei o que serei amanhã.  
Liquidificador de edifícios  
ou ruínas de amor,  
talvez serei, ainda, humanidade.

## Balanço da década

*Marcelo Dolabela*

uma década tem mais de cem séculos  
dez bilhões de vozes num único eco  
mil e uma noites num mero segundo  
poucos trilhões de silêncio num ponto

quanto se conta os átomos é ótimo  
a hora fica interminável num átimo  
não se chega nunca a nenhum lugar  
e apenas se volta ao mesmo volume

um só dia tem bem mais de dez décadas  
num rústico eco a maior biblioteca  
da luz do segundo nenhum consenso  
até quanto nos faltará silêncio

Encontrei-te. Era o mês... Que importa o mês? Agosto,  
Setembro, outubro, maio, abril, janeiro ou março,  
Brilhasse o luar que importa? Ou fosse o sol já posto,  
No teu olhar todo o meu sonho andava esparso.

Que saudades de amor na aurora do teu rosto!  
Que horizonte de fé, no olhar tranquilo e garço!  
Nunca mais me lembrei se era no mês de agosto,  
Setembro, outubro, abril, maio, janeiro ou março.

Encontrei-te. Depois... depois tudo se some  
Desfaz-se o teu olhar em nuvens de ouro e poeira.  
Era o dia... Que importa o dia, um simples nome?

Ou sábado sem luz, domingo sem conforto,  
Segunda, terça ou quarta, ou quinta ou sexta-feira,  
Brilhasse o sol que importa? Ou fosse o luar já morto?

## Justiça do trabalho

*Silviano Santiago*

Os empregadores oferecem  
160 mil-réis  
e os empregados exigem  
240 mil-réis.  
Num gesto de Salomão  
racham ao meio  
a diferença:  
eis o salário mínimo.

## A orgia dos duendes

*Bernardo Guimarães*

Meia-noite soou na floresta  
No relógio de sino de pau;  
E a velhinha, rainha da festa,  
Se assentou sobre o grande jirau.

Lobisomem apanhava os gravetos  
E a fogueira no chão acendia,  
Revirando os compridos espetos,  
Para a ceia da grande folia.

Junto dele um vermelho diabo  
Que saíra do antro das focas,  
Pendurado num pau pelo rabo,  
No borralho torrava pipocas.

Taturana, uma bruxa amarela,  
Resmungando com ar carrancudo,  
Se ocupava em frigir na panela  
Um menino com tripas e tudo.

Getirana com todo o sossego  
A caldeira da sopa adubava  
Com o sangue de um velho morcego,  
Que ali mesmo co'as unhas sangrava.

Mamangava frigia nas banhas  
Que tirou do cachaço de um frade  
Adubado com pernas de aranha,  
Fresco lombo de um frei dom abade.

Vento sul sobiou na cumbuca,  
Galo-Preto na cinza espojou;  
Por três vezes zumbiu a mutuca,  
No cupim o macuco piou.

E a rainha co'as mãos ressequidas  
O sinal por três vezes foi dando,  
A corte das almas perdidas  
Desta sorte ao batuque chamando:

"Vinde, ó filhas do oco do pau,  
Lagartixas do rabo vermelho,  
Vinde, vinde tocar marimbau,  
Que hoje é festa de grande aparelho.

Raparigas do monte das cobras,  
Que fazeis lá no fundo da brenha?  
Do sepulcro trazei-me as abobras,  
E do inferno os meus feixes de lenha.

Ide já procurar-me a bandurra  
Que me deu minha tia Marselha,  
E que aos ventos da noite sussurra,  
Pendurada no arco-da-velha.

Onde estás, que inda aqui não te vejo,  
Esqueleto gamenho e gentil?  
Eu quisera acordar-te c'um beijo  
Lá no teu tenebroso covil.

Galo-preto da torre da morte,  
Que te aninhas em leito de brasas,  
Vem agora esquecer tua sorte,  
Vem-me em torno arrastar tuas asas.

Sapo-inchado, que moras na cova  
Onde a mão do defunto enterrei,  
Tu não sabes que hoje é lua nova,  
Que é o dia das danças da lei?

Tu também, ó gentil Crocodilo,  
Não deplores o suco das uvas;  
Vem beber excelente restilo  
Que eu do pranto extraí das viúvas.

Lobisomem, que fazes, meu bem  
Que não vens ao sagrado batuque?  
Como tratas com tanto desdém,  
Quem a c'roa te deu de grão-duque?"

*Nicolas Bber*

Erik volta do parquinho com sementes  
de leucena na mão e pergunta:  
– são estas sementes que você  
colocou na minha mãe?

---

Quando eu nasci uma árvore torta  
dessas que vive no cerrado  
chegou pra mim  
e não disse nada  
não havia nada a dizer  
Não havia nada a salvar

o guardador de carros  
do estacionamento do jumbo  
é meu amigo  
(isso é poesia? pergunta  
um membro qualquer da  
academia...)  
só sei que o sorriso dele  
é poesia. a gentileza dele  
é poesia. o sofrimento dele  
é poesia  
o seu não é

---

quando minha  
veia poética estourou  
ela virou pra mim  
e disse: ah, deixa sangrar

[www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br)

*Almeida Garrett*

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.  
E eu n'alma – tenho a calma,  
A calma de um jazigo.  
Ai, não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.  
E a vida – nem sentida  
A trago já comigo.  
Ai! não te amo, não!

Ai! não te amo não; e só te quero  
De um querer bruto e fero  
Que o sangue me devora,  
Não chega ao coração.

(...)

E infame sou, porque te quero; e tanto  
Que de mim tenho espanto,  
De ti medo e terror...  
Mas amar!... não te amo, não.

## Como eu te amo

*Gonçalves Dias*

Como se ama o silêncio, a luz, o aroma,  
O orvalho numa flor, nos céus a estrela,  
No largo mar a sombra de uma vela,  
Que lá na extrema do horizonte assoma;

    Como se ama o clarão da branca lua,  
    Da noite na mudez os sons da flauta  
    As canções saudosíssimas do nauta.  
Quando em mole vaivém a nau flutua;

Como se ama das aves o gemido,  
Da noite as sombras e do dia as cores,  
Um céu com luzes, eu jardim com flores,  
Um canto quase em lágrimas sumido;

    Como se ama o crepúsculo da aurora,  
    A mansa viração que o bosque ondeia,  
    O sussurro da fonte que serpeia,  
    Uma imagem risonha e sedutora;

Como se ama o calor e a luz querida,  
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,  
Silêncio, e cores e perfume, e vida,  
Os pais e a pátria e a virtude e a Deus.

*Leni Nobre de Oliveira*

Desejo que setembro seja  
uma hemorragia floral.  
Sangramento de primavera,  
uma platibanda em flor,  
uma guirlanda de flor.  
Desejo que a chuva venha,  
que regue os canteiros,  
que chova em muitas hortas,  
para a florada cobrir  
os lençóis  
de nossas camas.  
Desejo a florada  
dos arrozais e dos roseirais.  
Desejo a flor.  
Desejo que nossas madrugadas  
sejam só surpresas,  
que em nossas mesas  
haja vasos de flor.  
Desejo um setembro regado  
de nossa certeza,  
que cada um de nós nasceu

para ser flor,  
cada um traz a semente  
que a vida semeou.  
Cada um é a primavera  
do outro  
que a gente plantou.  
A cada uma das flores que encontrei  
pelos campos da vida  
eu mando uma florada minha  
é primavera,  
meu amor.

*Giane Figueiredo*

Estou na estrada, a caminho!  
E me dá mesmo vontade de descer do ônibus e  
seguir andando, sem nenhuma pressa e sem  
nenhum destino...  
Só vivendo o caminho.

---

## **Caminhos II**

*Giane Figueiredo*

Queria seguir pela linha do trem.  
Não deste lado,  
que a trilha logo acaba.  
Mas do lado de lá,  
que andando, acabo no mar...

## Destempero

*Zanja*

A gente vai sofrendo de mansinho  
Um dia de destempero,  
Outro de carinho.  
Um dia, água fria,  
Noutro calorão.  
Um dia moda de viola,  
Mas sem o mar à mão.  
Os dias então vão passando  
Balançando no fio da vida  
Até que um dia,  
A gente aborrece e  
Logo, endoidece.  
O Nós esquece que ouviu,  
O você que sentiu  
E o eu,  
Que o pariu.

*Lauro Camilo*

A caneta fiel companheira  
Acompanha-me no ofício cotidiano  
Com a fidelidade indispensável a um objeto  
particular  
Imprimindo no papel junto à coordenação motora  
Quase fina, meus sentimentos,  
Desenhos, gráficos.  
Ortografias que emanaram do peito  
São impressas com sua tinta azul.  
Que seria do homem sem a caneta e o papel?  
Cartas de amor, manifestos, ainda que de saudades.  
Pedidos, ofícios, edifícios.  
Tudo quanto pode esse simples  
instrumento pinta  
Já não sei em meus devaneios, se sou eu  
Ou o outro ou a tinta!

A companheira do papel no universo inanimado.

Sensações, ódio, fúria, êxtase, orgasmo, delatos

Fatos, amor, prisões, confusões.

A tinta, a ciência, sapiência eloquência derivações.

Não importa o que for, essa companheira

No papel sempre encontra amor.

## Demonstração

*Frederico Reis M. Brito*

Sejam a música e a poesia  
Funções pares que harmonizam e tornam simétricos  
O rio e o fogo, o céu e o mar, o mundo e Deus  
Quês de um tudo que parece belo  
E de fato tende ao belo quando ultrapassa o  
comensurável e tange o infinito.  
Para além da fronteira da intuição  
Dominadores do mundo: os números.  
Poesia dos saberes, música pitagórica...  
Criador e criatura no paradoxo do ofício  
De criar espaços, encurtar distâncias, “geometrizar”.  
Para os quais não há verdades, mas hipóteses,  
Pelos quais o conhecimento se estratifica,  
Como camadas de uma esfera suprema.

Capazes de duvidar de si mesmos  
E ainda que não,  
De postular sua existência,  
E só então concebê-la,  
Os Matemáticos.

*Regis Gonçalves*

a bala  
vem do soco  
bem no plexo  
como o boxe

o coito  
dos leões  
feito na tela

as unhas  
na carne  
do seu braço

a sangria  
selvagem  
nas vitrinas

tiras finas  
das ranhuras  
sangue em gotas

o buraco  
do olho espia  
quase um hóspede

imprimiram  
na retina  
toda a cena

nas crateras  
da avenida  
nos perdemos

o coice  
do cavalo  
na pupila

labirintos  
de memória  
e fantasia

## Soneto

*Gregório de Matos*

*Descreve o que era naquele tempo a  
cidade da Bahia*

A cada canto um grande conselheiro,  
que nos quer governar cabana e vinha,  
não sabem governar sua cozinha,  
e podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um freqüentado olheiro,  
que a vida do vizinho e da vizinha,  
pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,  
para a levar à Praça e ao Terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
trazidos pelos pés os homens nobres,  
posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,  
todos, os que não furtam, muito pobres,  
e eis aqui a cidade da Bahia.

## Soneto

*Gregório de Matos*

Neste mundo é mais rico o que mais rapa  
Quem mais limpo se faz tem mais carepa  
Com sua língua ao nobre o vil decepa  
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa  
Quem menos falar pode, mais increpa  
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por Tulipa  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa  
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

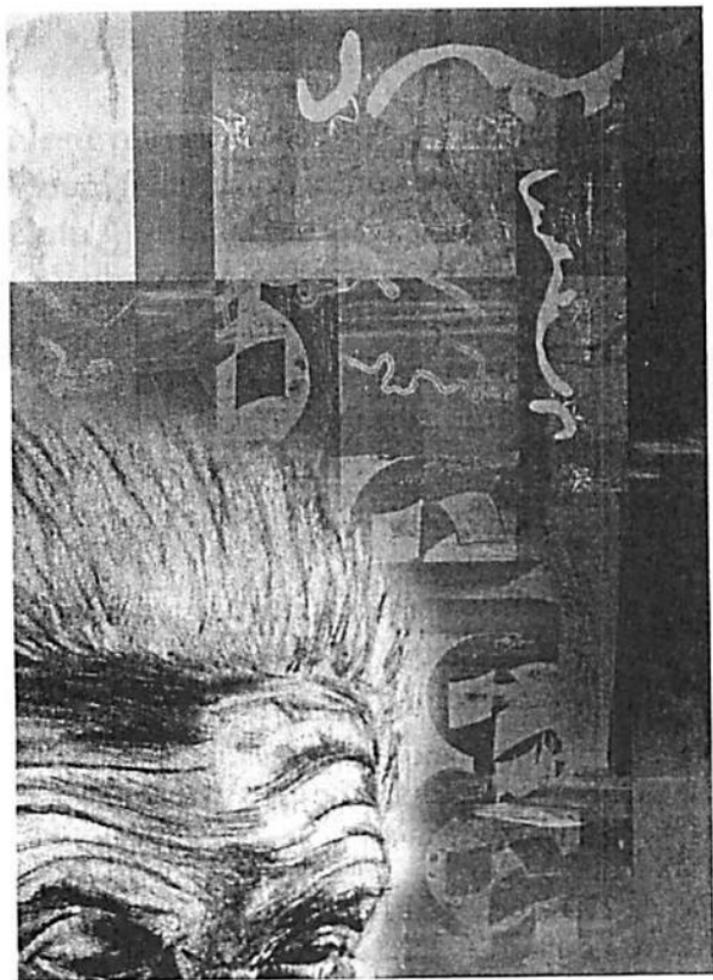
Para a tropa do trapo vazio a tripa,  
E mais não digo, porque a Musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

## Bate o sino

Bate o sino pequenino  
Sino de Belém  
Já nasceu o Deus Menino  
Para o nosso bem  
Paz na Terra, pede o sino  
Alegre a cantar  
Abençoe Deus Menino  
Este nosso lar.

Hoje a noite é bela  
Juntos eu e ela  
Vamos à capela  
Felizes a rezar  
Ao soar o sino  
Sino pequenino  
Vai o Deus Menino  
Nos abençoar.

Bate o sino pequenino  
Sino de Belém  
Já nasceu o Deus Menino  
Para o nosso bem  
Paz na Terra, pede o sino  
Alegre a cantar  
Abençoe Deus Menino  
Este nosso lar.



# Vigília

*Selma Rossi*

Nas paredes do quarto  
focalizo imagens capturadas da memória.  
Abraço travesseiros e lembranças.  
Abraça-me a saudade de mim.  
Pela fresta da porta o tempo espreita,  
rouba-me a noite.  
O sono, inimigo das horas vazias, não se aproxima.  
Lá fora, o som da vida...  
O azul clareia o quarto, as lembranças fogem,  
agora abraça-me o dia, é preciso ir.

*Marise Pontes Marques*

Eu, que não sou nem poeta,  
me atrevo a apresentar  
uma trova para os Brincantes  
encontrados nas bandas de cá,  
onde labuto, resido, rezo, e gozo  
os prazeres que sonhei encontrar...  
Encontro que não posso deixar  
de agora fazer marcar  
nesta vida que mais saúde dá rir e dançar,  
que chorar e clamar.  
Brincar rima com amar,  
com criar, inventar, caçoar, começar, pensar,  
parar para descansar.  
Enfim entoar uma cantiga a um Deus que dará,  
sem pedir nada em troca,

um instrumento pra se tocar vida afora,  
(o mais afinado de todos)  
que é pra ensinar ao Brincante  
que enquanto viver se encante  
pelo que é Brincar.

## Confissão

*Maria Firmina dos Reis*

Embalde, te juro, quisera fugir-te,  
Negar-te os extremos de ardente paixão:  
Embalde, quisera dizer-te: – não sinto  
Prender-me à existência profunda afeição.

Embalde! É loucura. Se penso um momento,  
Se juro ofendida meus ferros quebrar:  
Rebelde meu peito, mais ama querer-te,  
Meu peito mais ama de amor delirar.

E as longas vigílias, – e os negros fantasmas,  
Que os sonhos povoam, se intento dormir,  
Se ameigam aos encantos, que tu me despertas,  
Se posso a teu lado venturas fruir.

E as dores no peito dormentes se acalmam.  
E eu julgo teu riso credor de um favor:  
E eu sinto minh'alma de novo exaltar-se,  
Rendida aos sublimes mistérios do amor.

Não digas, é crime que amar-te não sei,  
Que fria te nego meus doces extremos...  
Eu amo adorar-te melhor do que a vida,  
Melhor que a existência que tanto queremos.

Deixara eu de amar-te, quisera um momento,  
Que a vida eu deixara também de gozar!  
Delírio, ou loucura - sou cega em querer-te,  
Sou louca... perdida, só sei te adorar.

*Perpétua Amorim*

Eu margarida  
Plantada em canteiro alheio  
Desestimando a guerra e pedindo paz  
Para as rosas vermelhas, azuis e amarelas.

Eu violeta  
Alegre, feiticeira  
Ávida pela luz do sol  
Vegetando num pobre vaso de plástico.

Eu bromélia  
Suspensa no ar, agarrando vida  
No vento e na chuva  
Encharcada de lágrimas, sem chão, sem calor.

Eu onze horas  
Florzinha à toa, insignificante  
Que nasce em qualquer lugar  
Sempre com hora marcada para  
desabrochar.

Eu bem-me-quer  
Cheia de vida, cheia de amor  
Querendo proteger, juntar o que é meu  
Num abraço, no colo, no alcance do olhar.

Eu azaléia  
Colorida, faceira  
Enfeitando jardins, perfumando o ar  
Retirando energia de um sorriso vulgar.

Eu orquídea  
Sofisticada, elegante  
Planta nobre, esnobe, vestindo cetim  
Deixando que levem a vida de mim.

Eu perpétua  
Desbotada, agrupada, sem graça  
Trajando uma vestimenta lilás como  
mortalha  
E agarrada a dezenas de outras iguais  
Tentando ser eterna. Pobre de mim!

*Adelson Gomes da Silva*

**Ingredientes:**

1 crânio de sabedoria

1 mão de músculos

1 dedo de prosa

1 infinidade de serenidade

1 infinidade de sobriedade

**Prepara-se com o choro de uma criança.**

## Ter amor não é defeito

*Domingos Caldas Barbosa*

Desafoga pelas vozes  
A paixão, que oprime o peito,  
Não te envergonhe a verdade,  
Ter amor não é defeito.  
Com amor não há fugir-lhe  
Nem por força, nem por jeito,  
Que importa amar e servi-lo?  
Ter amor não é defeito.  
É glória amar um semblante,  
Tão gentil e tão perfeito;  
Se é sem defeito o motivo  
Ter amor não é defeito.  
Belisa, gentil Belisa,  
Eu te adoro, eu te respeito.  
Não me castigues por isso

Ter amor não é defeito.  
Em contemplar os teus olhos  
O dia, e noite aproveito  
Contemplar é ação da alma,  
Ter amor não é defeito  
Eu acordo em ti cuidando,  
Em ti cuidando me deito,  
Não é defeito o cuidado  
Ter amor não é defeito  
Aos homens a natureza  
Impôs de amor o preceito,  
O defeito está no modo  
Ter amor não é defeito.

## **Literatura viva**

*Rodrigo Simoncini*

**Leio e releio ampliando  
Imitando o que já está imitado  
Tecendo em prosa ou verso  
Estou diante de um bosque desconhecido  
Revestido de essências e mistérios  
A criação de um mundo através das palavras  
Transcritas numa tradição cultural  
Unindo-se ao sentimento e ao pensamento  
Rebrilhando com tanta luz na mente do poeta  
A obra feita de sonhos sempre nascendo.**

**Vaticinamos. A poesia é mais perfeita de toda a criação  
Intensa riqueza que não se perde nunca  
Vencendo a beleza que tem as flores  
A vida é a arte do encontro na literatura.**

## A paixão segundo Clarisse

*Ricardo Aquino*

*Meu segredo é a vida.*

*Ângela Pralini*

Eu me dôo,  
eu me valho.  
“É assim?”  
Sou pedra rara,  
sou mistura confusa:  
gosto de estar jade,  
gosto de sonhar topázio.  
Há um certo gosto no acaso!  
Eu reúno a alvura da aurora  
com o êxtase provisório do ocaso  
e subo e frijo e rezo.  
Rezar me crê ereta  
E eu tremo.  
Há em mim uma variação do tremer  
que me deixa em cacos,  
que me converte em pedaços.  
“É assim?”  
Eu me pauso,  
eu me retrato  
em grafismo abstrato,  
eu me exponho em camadieu:  
um jardim molhado,

um estado de coisa que abomina.

Eu mulher-coisa,

eu mãe-coisa,

musa coisada!

Eu que não caibo na casa, no carro,

no relógio, na jóia,

no gradil de ferro,

no medo de viver

e juro em tom acerbo

adoçar o meu segredo.

Eu saúdo o humorismo da borboleta,

eu me procuro na lata de lixo,

no grão da ampulheta,

na caixa de prata,

envolta em matón-de-malea,

no chiado da vitrola.

Eu procuro o meu abraço adstringente,

o meu toque emoliente,

o meu beijo estrugido.

Eu me vejo

e me arrepio.

Eu me elejo,

eu me elevo,

retiro os escombros

e me reconstruo.

Sou-existindo a vórtice que perturba,

Sou a ultraluz,

o ultra-som,  
o silêncio da natureza  
em cores de lavar:  
verde-esmeralda, branco-gritante, azul-rei,  
preto-severo, roxo-distante, amarelo-doido;  
sou o vermelho-escarlata que mancha  
a última carta,

a carta que nunca servirá  
ao amado,  
a carta que esconde as lágrimas  
e que subverte a vontade de ser  
indescritível.

Eu me calo  
eu me afasto  
do fardo que é o meu corpo  
e por vez,  
por um instante eu fraquejo,  
eu me aflijo,  
mas assim!  
não desprendo meu segredo.  
Eu me dôo,  
eu me valho.  
Eu que me amo e não falo!

## A caridade

*Machado de Assis*

Ela tinha no rosto uma expressão tão calma  
Como o sono inocente e primeiro de uma alma  
Donde não se afastou ainda o olhar de Deus;  
Uma serena graça, uma graça dos céus,  
Era-lhe o casto, o brando, o delicado andar,  
E nas asas da brisa iam-lhe a ondear  
Sobre o gracioso colo as delicadas tranças.  
Levava pela mão duas gentis crianças.  
Ia a caminho. A um lado ouve magoado pranto.  
Parou. E na ansiedade ainda o mesmo encanto  
Descia-lhe às feições. Procurou. Na calçada  
À chuva, ao ar, ao sol, despida, abandonada  
A infância lacrimosa, a infância desvalida,  
Pedia leite e pão, amparo, amor, guarida.  
E tu, ó Caridade, ó Virgem do Senhor,  
No amoroso seio as crianças tomaste,  
E entre beijos – só teus – o pranto lhes secaste  
Dando-lhes leite e pão, guarida e amor.



## Namoro a cavalo

*Álvares de Azevedo*

Eu moro em Catumbi: mas a desgraça,  
Que rege minha vida maldada,  
Pôs lá no fim da rua do Catete  
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde  
Um cavalo de trote (que esparrela!)  
Só para erguer meus olhos suspirando  
A minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores  
E em lindas folhas de papel bordado...  
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso,  
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto dela  
Nem ousa suspirar de acanhamento...  
Se ela quisesse eu acabava a história  
Como toda a comédia – em casamento...

Ontem tinha chovido... Que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,  
Mas lá vai senão quando... uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote  
No Rocinante erguendo a larga espada  
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,  
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,  
Onde habita nas lojas minha bela,  
Por ver-me tão lodoso ela irritada  
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoro,  
Entre dentes tomou a bofetada,  
Arrepia-se, pula e dá-me um tombo  
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado  
Meu chapéu que sofrera no pagode...  
Dei de pernas corrido e cabisbaixo  
E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa  
Rasgou-se no cair de meio a meio,  
O sangue pelas ventas me corria  
Em paga do amoroso devaneio!...

## Voz dos animais

*Francisca Júlia*

– O peru, em meio à bulha  
De outras aves em concerto,  
Como faz, de leque aberto?

– Grulha.

– Como faz o pinto, em dia  
De chuva, quando se interna  
Debaixo da asa materna?

– Pia.

– Enquanto alegre passeia  
Girando em torno do ninho,  
Como faz o passarinho?

– Gorjeia.

(...)

– Quando a galinha deseja  
Chamar os pintos que aninha,  
Como é que faz a galinha?  
– Cacareja.

– A rã, quando a noite baixa,  
Que faz ela a toda hora  
Dentre os limos em que mora?  
– Coaxa.

(...)

– Que faz o gato, que espia  
Uma terrina de sopa  
Que fumega sobre a copa?  
– Mia.

(...)

– Cheia a boca da babuge  
Do milho bom que rumina,  
Que faz o boi na campina?  
– Muge.

(...)

– A voz tremida do grilo  
Que vive oculto na grama,  
A trilar, como se chama?  
– Trilo.

Mas, escravos das paixões  
Que os fazem bons ou ferozes,  
Os homens têm suas vozes  
Conforme as ocasiões.

## Poema para você

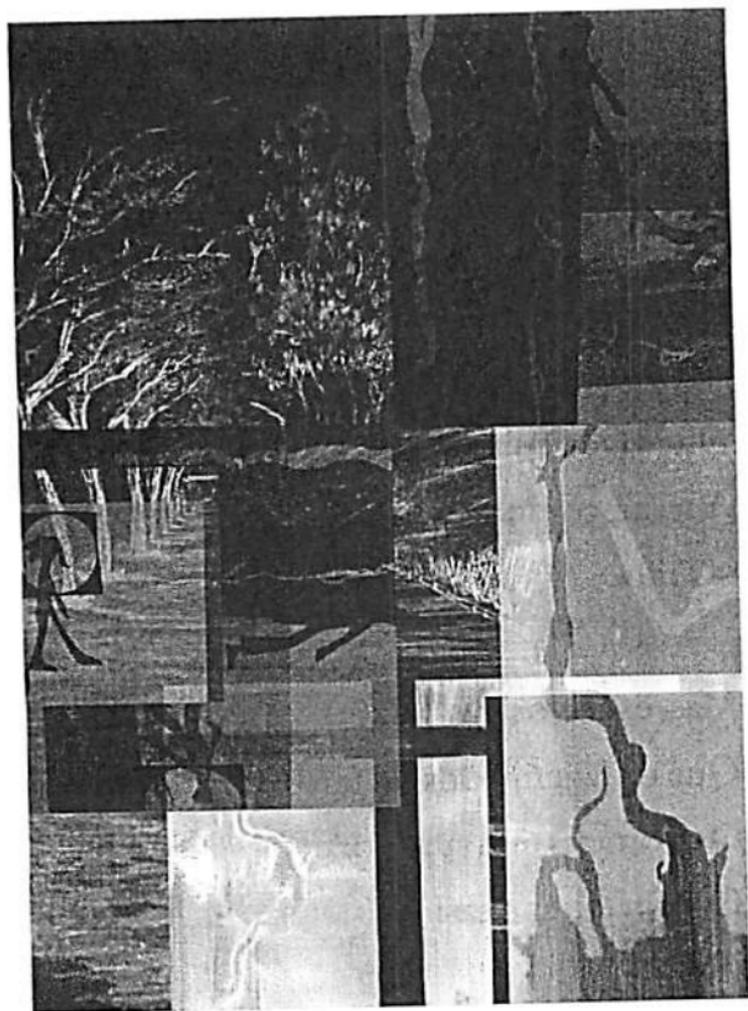
*Chico Lobo*

Queria ficar do teu lado,  
do início da Primavera até o final do Outono,  
Como se nunca tivesse sido diferente.

Queria não ter precisado te conhecer  
A vida deveria ter nos feito juntos  
Para que não perdêssemos tempo procurando,  
ainda que inconscientemente, um pelo outro.

E envelheceremos juntos, e somente juntos  
porque a vida demorou a nos unir  
E será assim enquanto Ela permitir.

E quando nós morrermos; e quando, mistério  
divino, eu te perder;  
Assim eu ascendo aos céus e me perguntam:  
Como a sua história termina?  
Eis que respondo, orgulhoso: Histórias assim  
não terminam.



## Noite feliz

Franz Gruber – Joseph Mor

Noite feliz! Noite feliz!  
Ó Senhor, Deus de amor,  
pobrezinho nasceu em Belém.  
Eis na lapa Jesus, nosso bem.  
Dorme em paz, ó Jesus.  
Dorme em paz, ó Jesus.

Noite de paz! Noite de amor!  
Tudo dorme em redor,  
entre os astros que espargem a luz,  
indicando o Menino Jesus.  
Brilha a estrela da paz.

Noite de paz! Noite de amor!  
Nas campinas ao pastor,  
Lindos anjos mandados por Deus,  
Anunciam a nova dos céus;  
Nasce o bom Salvador!

Noite de paz! Noite de amor!  
Oh, que belo resplendor  
Ilumina o Menino Jesus!  
No presépio, do mundo eis a luz,  
Sol de eterno fulgor!

## Menino Jesus

*Adalgiza Colen Meniconi*

Fruto da mãe pura e imaculada  
Concebido por obra divina  
Trouxe aos homens orientação e ternura  
Naquilo que a vida nos ensina.

Seus ensinamentos nos fortalecem  
Na jornada a nós traçadas  
Que tanto nos engrandece  
Nos objetivos por nós alcançados.

Por Deus fomos concebidos  
No mundo por ele criado  
Em etapas percorridas  
Nos caminhos por ele traçados.

## Noite feliz

*Luiz Vilela*

Entre, Pai. Entre, Mãe. Entre, Joaquim. Vô Zeca. Vô Mariquinha. Tio Nunes. Rosa. Que bom, que bom que vocês vieram - eu estou tão feliz. Vai ser uma noite linda. Vai ser a noite mais bela de todas. Vamos, sentem, ocupem seus lugares.

E o Pretinho? Por que o Pretinho não veio? Você também devia ter vindo, Pretinho. Aí eu te pegava e te punha no colo - você era tão macio, tão quentinho. Miau... miau... Que saudades, Pretinho...

Sentem, sentem. A senhora está tão bonita com esse vestido, Mãe. Vô, o senhor não larga seu cigarrão de palha, hem? E o senhor, Tio Nunes, cuidado, não vai contar aquelas piadas bobagentas. Vô Mariquinha, sabe que a senhora fica muito elegante com esse coque? E a Rosa? Sempre com esse sorriso... Joaquim, quantos anos, hem? Quantos anos... Muita água passou debaixo da ponte...

E o senhor, Pai? O senhor está tão sério; tão calado. Por que o senhor me olha assim? Por

que o senhor não fala nada comigo? Fale, Pai; fale alguma coisa. Não fique me olhando assim. Vocês todos, parem de me olhar desse jeito. Por favor. Meu Deus, meu Deus... Tem dó de mim... Eu não queria isso, juro que eu não queria...

Não! Não e não! Onde está sua fibra, menina? Minha fibra? Minha fibra está aqui - ora, bolas. Pensaram que eu fosse fraquejar? Pois estão muito enganados. Quem vos fala é a Aristotelina - a Lina. Há meses que eu venho planejando essa noite; pensam que eu vou desistir agora? Nunca.

Será uma noite única. Será uma noite sem igual. Nem todas as luzes de todas as casas juntas da cidade brilharão mais do que esta casa nesta noite de Natal. Nem todas as luzes de todas as ruas... Ai, Lina, você é impagável; parece que você nunca saiu do palco. Não saí mesmo: você sabe, uma vez atriz...

Joaquim, lembra daquele Natal em que eu te pedi uma porção de lâmpadas - eu ia iluminar toda a casa, ia fazer um colar de lâmpadas - e aí você me trouxe... Ah, meu Deus... Você me trouxe meia dúzia, Joaquim, meia dúzia de lâmpadas! Então eu falei: o que eu vou fazer

com meia dúzia de lâmpadas? O que eu vou fazer? Aí você... Você falou... Eu não lembro... O que você falou?... Eu não lembro... Minha memória... Minha cabeça...

Noite feliz, noite feliz, o Senhor, Deus de amor, pobrezinho, nasceu em Belém. Não foi fácil: cada garrafa, um posto. Naquele maior, o sujeito: para quê? Eu: não é da sua conta. Ele: se eu não souber, eu não posso vender. Eu, então: é para tirar a cera do assoalho, assoalho de tábuas, casa antiga. Antipático. Depois, no último posto, o rapazinho: e aí, vó, vai virar motorista agora? Vou, eu vou fazer uma viagem pro céu. Então me leva com você, que a coisa aqui na terra tá braba. Mas ele foi gentil, ele foi atencioso.

Os sinos, eles estão batendo. Missa da meia-noite. Onze e quarenta e cinco. Quinze minutos. Nunca houve ninguém tão só. Nunca alguém, nesse mundo, se sentiu tão só. Nem se eu estivesse - só eu, só eu de gente - nem se eu estivesse lá num deserto de Marte ou lá numa cratera da Lua. Se o telefone tocasse. Se o telefone tocasse, talvez...

Chega. É hora. A meia-noite se aproxima. Vamos. Noite feliz, noite feliz, o Senhor... Uma

garrafa aqui; assim. Outra aqui... Agora essa...  
Mais essa... E essa... Pronto. Que cheiro forte...  
Podia ser o cheiro de jasmim que antigamente,  
nas noites de verão, entrava pela janela aberta e  
inundava esta sala onde todos nos reuníamos e  
conversávamos e éramos felizes...

Meia-noite. Pego esta caixa; tiro um fósforo;  
risco e... Eis! O fogo!

## DOAÇÃO

Do: Dinhe Editorial

Textos / Ensaio

Em: 13 / 06 / 2008

RS: 1,00



Se quiser comprar os livros da Linha Editorial Tela e Texto em [www.let.com.br](http://www.let.com.br)

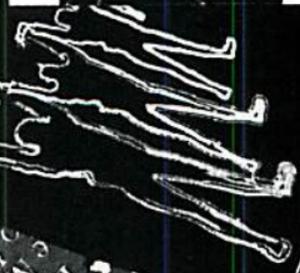
eotexto

BR

Crônicas em rede



A seleção de poemas "Clarear em rede" para professores



Passo a passo com a cabeça

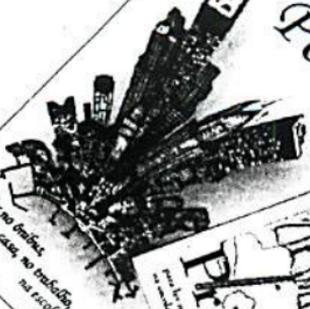
Lendas e Mitos do Brasil



para ler na escola, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...

Poesia

P.O.S.



Literatura  
de baixo

CUSTO

R\$

1,99



atela  
e otexto